A POLÍTICA COMO MISSÃO E COMPROMISSO COM A VIDA: CRÍTICA AO NEGACIONISMO RELIGIOSO EM CONTEXTO DE PANDEMIA COVID-19

Drance Elias da Silva*

Resumo

Desde março de 2020 o Brasil e o mundo foram pegos por inesperada doença que, letal, tem ceifado vidas humanas de forma avassaladora. O enfrentamento dessa doença trazida ao convívio do humano por vírus classificado por Covid-19, teria que se dá, necessariamente, por três frentes de batalha: 1. Científica; 2. Humana e, 3. Política. A harmonia entre essas três frentes trataria de debelar esse causador de tantos sofrimentos a médio prazo, não fosse a irresponsável atitude negacionista que se espalhou pelos quatro cantos do mundo. E o Brasil é um desses cantos ao qual o vírus chegou e se acomodou; alimentando-se da ignorância de indivíduos e instituições que buscaram vias de combate no mínimo não científicas e, mais ainda, descompromissadas com a vida humana. E a religião não ficou de fora desse processo de combate, porém, se apresentando como ator negacionista e política e cientificamente equivocada. Nosso objetivo é trazer para uma reflexão crítica de cunho político e sociológico, essa postura que influenciou atitudes e ações de fiéis e líderes religiosos que, aliando-se às correntes políticas de extrema direita, impactou negativamente, o comportamento dos brasileiros frente a pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Negacionismo. Religião. Política. Pandemia.

Introdução

Tomando como referência a segunda metade do século XIX, época da emergência da sociedade moderna, urbana e industrial, percebe-se que o tema da ***comunidade*** começa a constituir um contraponto societário à modernização. A reflexão sociológica desse período analisa a comunidade sob uma tipologia social marcada em geral, por pequenos grupos que estabelece relações solidárias, coesas, pessoais, espontâneas, cotidianas e permanentes, em que se configura identidades comuns – com a consciência ou sentimento do "nós" – propícias à prática da "vida em comum" e do associativismo. Nessas duas décadas do século XXI, o

* Pós-doutorado pela Escola Superior de Teologia - RS (Faculdades EST), Doutorado (2006) e Mestrado (2000) em Sociologia (UFPE). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco. País de origem: Brasil. E-mail: dranceelias1991@gmail.com – https://orcid.org/0000-0002-6821-6997.

referido tema mais do que nunca, continua a demonstrar importância e atualidade em todos os âmbitos de sociabilidade.

A vida comunitária se expressa como um espaço fundamental de experiência. É na vida comunitária que se busca partilhar a prática social, os projetos, os fracassos, a afetividade, as diferenças e também a esperança. A vida comunitária é parte constitutiva da concepção pedagógica presente em várias formas de organização social, e percebemos que nessas experiências isso tem o propósito de impulsionar o espírito de vida como eixo de vivência e de transformação da consciência individual e coletiva.

A vida comunitária anima (dá vida, dá alma, dá sentido), revifica, encoraja para a luta, para um compromisso efetivo com a transformação e, fundamentalmente, garante o espaço de celebração de todas as dimensões da vida. A vida comunitária é a vida que se organiza, e que se mantém pela força da criação e da manutenção dos laços.

Os alicerces de qualquer comunidade são as relações de reciprocidade, tão bem analisadas por Marcel Maus em seu *Ensaio sobre o dom*. O movimento dos *dons* e *contradons*, cuja circulação é regida pelo princípio do dar/receber/retribuir, funda as alianças sociais próprias às comunidades. Por essa perspectiva então, passamos a entender e definir comunidade pelas relações de solidariedade dos grupos humanos que partilham a mesma identidade.

O Negacionismo Religioso

Por que começar essa reflexão com o tema da comunidade e da reciprocidade? O que isso tem a ver com "CRÍTICA AO NEGACIONISMO RELIGIOSO EM CONTEXTO DE PANDEMIA COVID-19: crise de confiança em comunidade de sentido"? O negacionismo religioso seja ele cristão ou não, do tipo vivido nesse contexto, expressa a impossibilidade de nos mantermos em laços de confiança. O sentido da nossa existência em contexto de pandemia é encontrar colaboração para resistir e superar a dor que aflige. A negação corta o sentido de comunidade e sua coesão social. Isso vale para o âmbito das vivências religiosas porque nelas não há outro sentido senão manter-se sob a força de laços em prol da vida.

Numa perspectiva religiosa libertária, na experiência da pessoa que crer, toda a realidade pessoal, comunitária, social e cósmica é perpassada pela presença divina, assim

como inserida em um contexto de projeto histórico libertador. A adesão a um Deus de libertação, que inspira uma mística de abertura ao "outro", não fica restrita ao pertencimento no espaço do religioso e eclesial. A busca pela justiça de Deus está posta sob a inspiração de exprimir o desejo: a transformação do mundo. Os ideais sociais modernos, por exemplo, a liberdade, a participação, a fraternidade, a solidariedade, o respeito à diferença, à dignidade das pessoas, o cuidado com o outro... estão colocados como pressupostos da mensagem cristã.

Na concepção da uma espiritualidade libertária, um Deus de amor age e fala na coragem dos que são capazes de questionar e se opor à situação de morte de milhões de pessoas, no anúncio dos que proclamam a esperança e nas propostas alternativas dos que se preocupam com a vida e a natureza. O amor não desconhece o conflito da história humana e assim deve ser vivido, propondo uma superação pelo afrontamento real, aceitando, na luta, o desafio e o julgamento da história.

A atitude religiosa negacionista fundamentalista e de desamor, carece, profundamente, do viver sob a dinâmica da reciprocidade, pois, esta simboliza não a manipulação dos indivíduos, mas, a possibilidade concreta e originária de escapar de relações de tipo individualista, que só faz aprofundar a falta da confiança e dos laços de amizade.

No início desse tempo pandêmico, grupos de pessoas como a família, se deparou com a pressão das exigências econômicas advindas das necessidades criadas por uma sociedade que reduz, a relação de troca ao estritamente econômico. Uma comunidade que se pensa formada na base de regras e regulamentos, tem grandes dificuldades de encontrar motivos para acreditarem uns nos outros; sob a base dos interesses econômicos mesquinhos, não parecem unidas pela confiança.

Sofrimento, Doença e o Convívio Humano

Sofrer por causa de uma doença é entende-la como algo que diz respeito a sua inter-relação com a sociedade. A sociedade, em seus processos diversos de desenvolvimento, opta, neste momento histórico, por caminhos não curadores dos males que afligem o corpo, mas fazedores desses males, fazedores de doenças, na medida em que a qualidade de vida é,

para uns, ter acesso, de fato, a todo um conjunto de bens e técnicas que favoreçam a cura e o prolongamento da vida; enquanto outros, percebem além da impossibilidade desse acesso por falta de condições econômicas e de pertencimento social diferenciado, também, a condição de estarem sendo relegados, em definitivo, à exclusão social.

A sociedade de hoje e sua atual opção na forma de ser não são de inclusão de todos agora nem no amanhã. Isso explica a avalanche de pessoas que sempre se dirigiram às grandes concentrações religiosas de massa, levando doentes de todo tipo para receberem a cura, por estarem, previamente, desenganados.

O fim da dor e do sofrimento sempre significou na visão religiosa, a vitória do Bem contra o Mal. Observa Hervieu-Léger (1997, p. 41) que, "dentro do universo cristão tradicional, o tema da cura está regularmente associado ao da salvação. Max Weber (1963), em The Sociology of Religion, tratou a questão do sofrimento na perspectiva religiosa, ao investigar a ideia de teodiceia no capítulo IX intitulado Theodicy, Salvation, and Rebirth e enfaticamente reflete que, "quanto mais o desenvolvimento tende em direção das concepções de um deus unitário transcendental que é universal, mais há um aumento do problema de como o poder extraordinário de tal deus pode ser reconciliado com a imperfeição do mundo que ele criou e governa" (p.138/139).

Assim, segundo Erp (2006, p. 139), em análise do capítulo acima, "de acordo com Weber, a religião funciona na sociedade, por um lado, como explicação insuficiente ou convincente do sofrimento, enquanto que, por outro, mostra que diferentes sistemas de crença criam diferentes sociedades através da explicação que dão do sofrimento. O sofrimento enquanto experiência social é o fundamento e função da religião na sociedade".

Do ponto de vista antropológico, a fé, elemento vital, sinônimo de confiança, algo inerente a qualquer ser humano, está despedaçada. Talvez a vinculação social em seu grupo fundamental de referência está quase desfeita (perceba a força do negacionismo que cai sob o vínculo social familiar). A conversão ou adesão a uma experiência de organização religiosa revela, quase sempre, necessidade de pertencer, isto é, de manter vínculo. A pessoa sofre por causa do enfraquecimento do vínculo social.

Segundo Hellinger (1998, p. 25), em nossa vida de relacionamentos tão diversos, há necessidades fundamentais em permanente atuação: a necessidade de pertencer ou de vinculação, a de preservar o equilíbrio entre o dar e o receber e a de ordem. A necessidade do pertencimento ou da vinculação (HELLINGER, 1998) perpassa todos esses níveis de relacionamentos. Certa "perturbação" na vida de uma pessoa revela, entre outras coisas, sofrimento na ordem do afeto.

Sofrer, por exemplo, por causa do enfraquecimento da referência comunitária fundamental, ou seja, das relações familiares ou da amizade, decorre do afeto: contato, a escuta do outro, a atenção, o sentir-se pessoa, o sentir-se existir, o tocar, o dar e o receber. Tudo isso são faces ou expressões do vínculo social. Sofrer por causa do afeto significa estar 'cercado de demônios', ou seja, cercado de desafetos, de tendências que separam ao invés de unir. Há urgência em recompor vidas assim. A necessidade do afeto reclama, em favor da pessoa, compreensão, assistência, ajuda, nas dificuldades.

Covid-19, enfraquecimento do vínculo e perda da confiança

Diversas expressões religiosas no Brasil, através de grupos ou movimentos, neste contexto de pandemia de Covid-19, têm proclamado pela via do negacionismo, certa proibição de acesso real a superação da dor, da doença. Por essa atitude eles se deixam corroer já de antemão, pela própria descrença que os fundamentam porque passam a ignorar as conquistas do mundo moderno: a negação da vacina é a corrosão para a descrença assim como uma saída à extrema direita.

A tão propalada hidroxicloroquina é o preço barato do negacionismo; compre essa droga e não tareis nenhuma cura, senão, o conforto do ópio ou nenhuma felicidade. O negacionismo do tipo que se apresenta seja ele religioso, político ou médico científico, integra o projeto estético do fascismo na forma atual, e isola o desesperado distanciando-o da real felicidade face a situação pandêmica.

Encerro essa minha reflexão, com um poema ou, uma expressão de dor e de sofrimento:

De corpos e de céu
Por todos (as) que morreram da COVID-19

Jogados às valas e sem despedidas,
Os corpos se alinham em covas profundas,
Subirão para serem velados,
E anjos acolhem em lágrimas que o céu inunda.

Tantas vidas partilhadas, tantas histórias
Desenhadas, sonhadas e entrelaçadas.
Enterrados sem acalanto das orações,
O que serão de suas lutas
Se não reconhecidas?

Corpos importam, vidas importam!
Jogados ao chão,
Reviram em meio a terra da qual modelados,
Dores entornam,
desfigura-se a criação.

Ah, nossos mortos se tivessem sido velados!
A terra não lhe seria indigna,
A dor não lhe seria calada,
A prece não lhe seria estúpida.
E o que resta
senão uma pergunta: "quem nunca sofreu, que sabe"?

REFERÊNCIAS

CORTEN, André. **Os Pobres e o Espírito Santo. O pentecostalismo no Brasi**l. Petrópolis: Vozes, 1996.

ERP, Stephan van. Para uma teologia da saúde e da medicina. **Revista Internacional de Teologia** – CONCILIUM, n. 315, 2006/2.

HERVIEU-LEGÉR, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? **Revista Religião & Sociedade**, v.18, n. 1, p. 31-48, 1997.

HELLINGER, Bert. **A simetria oculta do amor**. São Paulo: Cultrix, 1998.

JACOB, Cesar Romero; HELS, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN,

WEBER, Max. ***The sociology of religion***. *Boston: Beacon Press, 1963.*